



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### NATUREZA E CULTURA DO ESPÍRITO SANTO NO INÍCIO DO SÉCULO XIX: O OLHAR DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS

Maria Alayde Alcantara Salim\*  
(UFES)

#### RESUMO

O artigo apresenta um projeto de ensino intitulado “Natureza e cultura do Espírito Santo no início do século XIX: o olhar dos viajantes estrangeiros”, desenvolvido na Escola da Ciência Biologia e História (ECBH), localizada na cidade de Vitória, Espírito Santo. Ocupando um lugar na fronteira entre escola e museu, a instituição foi concebida com o propósito de promover a circulação e a pesquisa de temas relativos à história, à cultura e à natureza do Espírito Santo, especialmente da cidade de Vitória. Na apresentação dos momentos desse processo destacarei as reflexões teóricas que nortearam o desenvolvimento dos estudos, o material bibliográfico selecionado, as metodologias de ensino empregadas e as formas de uso e apropriação do acervo da ECBH na condução do projeto de estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola da Ciência, Biologia e História, Ensino de História, Espírito Santo. .

#### INTRODUÇÃO

A Escola da Ciência Biologia e História (ECBH<sup>295</sup>), inaugurada no ano de 2001, é administrada pela Prefeitura Municipal de Vitória através da Secretaria de Educação. Ocupando um lugar na fronteira entre escola e museu, a instituição foi

---

\* Professora Adjunta da UFES/CEUNES/DECH. Doutora em História da Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. PPGE/UFES.

<sup>295</sup> No decorrer do texto ao me referir à Escola da Ciência – Biologia e Histórica usarei a sigla ECBH.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

concebida com o propósito de promover a circulação e a pesquisa de temas relativos à história, à cultura e à natureza do Espírito Santo, especialmente da cidade de Vitória. Atende principalmente os estudantes e os professores de todas as redes de ensino, da educação infantil até o ensino superior, e de outros espaços não formais de educação, mas também está aberta para o público em geral. As visitas dos grupos de estudantes e visitantes isolados são mediadas por monitores durante todo o percurso do salão, seguindo as orientações da equipe de coordenadores.

Instalada atualmente em um prédio de dois pavimentos no bairro Mario Cypreste, grande Santo Antônio, a ECBH apresenta no primeiro piso um acervo constituído por espécies vivas em aquários, animais taxidermizados expostos em vitrines que representam a restinga e mata atlântica, fotografias, mapas e artefatos de pesca. No segundo piso estão localizadas as maquetes de prédios históricos, a maquete da cidade de Vitória, artefatos arqueológicos, artesanato doméstico instrumentos musicais, artefatos de trabalho e alimentos resinados. Destacando que todo esse acervo está relacionado com elementos da cultura, da história e da natureza do Espírito Santo.

Essa organização e distribuição espacial do acervo nos salões do prédio revelam uma face do pensamento moderno hegemônico marcado por uma concepção compartimentalizada da ciência e dos saberes escolares, presentes de alguma forma no processo de constituição da ECBH. Nesse sentido, é preciso observar que o projeto de ciência da modernidade se consolidou a partir da especialização, da simplificação e da fragmentação dos saberes, submetidos a um processo reducionista que acarretou a perda das noções de multiplicidade e diversidade. Essa simplificação, de acordo com Morin (2005), está a serviço de uma falsa racionalidade, que passa por cima da desordem e das contradições existentes em todos os fenômenos e nas relações entre eles. Para o pensador francês o



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

movimento de enfrentamento e de superação das visões fragmentárias e dualistas, características do modelo científico dominante, deve envolver todos os fenômenos da vida humana e, especialmente a educação na formação dos homens e das sociedades.

Instigados pelas críticas que nas últimas décadas foram dirigidas às concepções que fundamentam o paradigma da ciência moderna, dentre essas a organização do saber escolar, e cientes da necessidade de reelaboração das nossas práticas pedagógicas, a equipe da ECBH vem desenvolvendo desde o ano de 2009 uma série de encontros e grupos de estudos com o propósito de formular novos projetos de ensino para a instituição. De maneira geral esses projetos de trabalho apresentam como objetivo principal promover com os visitantes da ECBH, especialmente com público escolar, uma apropriação interdisciplinar dos elementos que compõem o acervo da instituição, provocando dessa forma uma aproximação e um diálogo entre as áreas de Biologia, Geografia e História.

Dentre essas novas propostas de trabalho destacarei especificamente o projeto intitulado “Roteiros Temáticos”. Com esse projeto, que terá sua primeira fase concluída no final do ano de 2010, a equipe da ECBH pretende oferecer ao público escolar um estudo mais detalhado do acervo da instituição, rompendo com o caráter generalista das nossas visitas, e ao mesmo tempo proporcionando uma abordagem interdisciplinar dos conteúdos de ensino.

Atualmente a ECBH conta com dois roteiros em fase de execução, são eles: Pré-História no Espírito Santo e Roteiros Infantis (Vamos Passear no Bosque e a Vida na Água). Estão em fase de conclusão os seguintes roteiros, Jesuítas no Espírito Santo, Natureza e Cultura do Espírito Santo no início do século XIX: o olhar dos viajantes estrangeiros, Imigração Estrangeira no Espírito Santo, Resistência e Cultura dos Povos Indígenas no Espírito Santo, Tempos Republicanos: História e Memória da Avenida Jerônimo Monteiro. A proposta é que cada roteiro temático



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

articule os saberes das diversas áreas do conhecimento e que possam estabelecer um vínculo mais efetivo como os estudos que os professores e alunos desenvolvem no espaço escolar, contribuindo dessa forma com o processo de construção do conhecimento. Por fim é preciso destacar que esse projeto se mantém fiel à proposta inicial da instituição de promover a circulação e a pesquisa de temas relativos à História do Espírito Santo.

No presente artigo focalizarei especificamente o processo de elaboração do Roteiro Temático intitulado “Natureza e cultura do Espírito Santo no início do século XIX: o olhar dos viajantes estrangeiros”. Na apresentação dos momentos desse processo destacarei as reflexões teóricas que nortearam o desenvolvimento dos estudos, o material bibliográfico selecionado, as metodologias de ensino empregadas e as formas de uso e apropriação do acervo da ECBH na condução do projeto de estudo.

### **Os viajantes estrangeiros no Espírito Santo: natureza e cultura**

O meio físico, a fauna, a flora e também as pessoas que aqui viviam despertaram grande interesse e curiosidade entre os europeus desde a chegada dos navegadores ao novo mundo, deste modo, muitos estudiosos enviados pelos governos e universidades ou mesmo por iniciativa própria vieram conhecer e estudar essa terra. Muitos desses viajantes percorreram desde o século XVI o território do Espírito Santo. Destacamos entre eles: Jean de Lèry, em 1578; Pero Gandavo em 1570; Maximiliano em 1816; Auguste Saint-Hilaire, em 1818; Auguste François Biard, em 1858; Jean-Jacques Tschudi, em 1866; Charles Frederick Hartr, em 1870; e a princesa Tereza da Baviera, em 1888. O maior número deles esteve aqui no século XIX, apoiado por interesses econômicos e beneficiados pela abertura dos portos. Esses viajantes, filiados ao enciclopedismo e ao ideal



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

romântico, chegavam ansiosos pelo encontro com a natureza desconhecida e principalmente movidos pela curiosidade do contato com os povos nativos.

Devo ressaltar a importância para o estudo da História dos textos narrativos elaborados a partir da inserção dos viajantes na sociedade da época, na medida em que retratam a experiência social coletiva. Como observou Benjamin (1996) na narrativa, a realidade histórica é expressa a partir da experiência que passa de pessoa para pessoa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. Os textos narrativos, devido ao seu caráter dinâmico, sempre aberto às perguntas e interferências daqueles que o lêem, representam uma possibilidade de evitar os discursos conclusivos sobre a História.

O uso das narrativas dos viajantes para a elaboração de um roteiro temático atende plenamente ao propósito de estabelecer a aproximação e o diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, considerando que esses relatos estão repletos de informações sobre a sociedade, a cultura, a natureza e o território do Espírito Santo. Dentre os viajantes citados, selecionei partes da obra do Príncipe Maximiliano, 1816 e Auguste Saint-Hilaire, 1818, para a produção do material escrito e iconográfico que subsidiou a produção do roteiro temático.

Os dois viajantes percorreram basicamente o mesmo itinerário no território da província do Espírito Santo. Sempre pelo litoral partiram da região do Rio Itabapoana, passando pela Vila do Itapemirim, Anchieta, Ponta da Fruta, Barra do Jucu, Vila Velha, Vitória, Nova Almeida, Santa Cruz, Regência, subida pelo Rio Doce até Linhares e São Mateus. Saint-Hilaire na volta de São Mateus adentrou um pouco o interior da província chegando até a Colônia de Santo Agostinho, núcleo de imigrantes açorianos que deu origem a atual cidade de Viana.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### **Os viajantes estrangeiros no Espírito Santo: alguns passos do processo de elaboração do roteiro temático**

O trabalho de elaboração e implantação de todos os “Roteiros Temáticos” seguiu basicamente a mesma metodologia de organização. Os professores da instituição realizaram inicialmente uma pesquisa bibliográfica e documental para a produção do material escrito e iconográfico de cada roteiro, além de elaborarem atividades práticas para serem desenvolvidos com os alunos. Posteriormente o resultado desse trabalho foi apresentado pelos professores responsáveis a toda equipe da instituição para que pudesse ser feita a avaliação e o encaminhamento de críticas e sugestões. Após o término desta etapa teve início o trabalho de formação da equipe de monitoria para o trabalho com os roteiros temáticos.

No decorrer desta primeira etapa de trabalho ficou estabelecido que as apresentações dos “Roteiros Temáticos” seguiriam a seguinte metodologia de apresentação com o público escolar: inicialmente as turmas (média de 30 alunos) são recebidas e encaminhadas para o auditório quando, com a mediação do trabalho de monitores e coordenadores, acontece a apresentação de slides com textos e imagens sobre o tema focalizado no estudo; posteriormente o grupo segue para os salões de exposição da ECBH com o objetivo de observar os elementos do acervo relacionados aos temas de estudo; o roteiro é encerrado com uma atividade prática com os alunos. É importante destacar que todo esse trabalho é conduzido por monitores e coordenadores de forma a suscitar a participação dos alunos em todos os momentos da apresentação, a partir da formulações de perguntas e questionamentos que propiciem o diálogo e a troca de experiência entre todos os sujeitos envolvidos.

O roteiro em questão, Natureza e cultura do Espírito Santo no início do século XIX: o olhar dos viajantes estrangeiros, foi direcionado para as turmas do oitavo ano do ensino fundamental, podendo também ser apresentado para as



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

séries subseqüentes. O desenvolvimento deste roteiro de estudo apresenta os seguintes objetivos: reconhecer como estava organizada a sociedade da província do Espírito Santo no início do século XIX, identificar as principais áreas de ocupação, reconhecer a diversidade da fauna e da flora e a exuberância da Mata Atlântica da província do Espírito Santo no período focalizado, analisar o processo de degradação ambiental no Estado, analisar os fatores que motivaram os violentos conflitos entre os povos indígenas e o governo provincial, identificar os movimentos de resistência dos escravos e reconhecer o patrimônio arquitetônico da província destacado nos relatos dos viajantes.

Vejamos como foram desenvolvidos esses objetivos de estudo a partir das narrativas dos viajantes. Inicialmente o relato de Saint-Hilaire destaca os limites da província e a ocupação territorial, demonstrando que as vilas e cidades estavam restritas á uma estreita faixa de terra litorânea:

A atual Província do Espírito Santo apenas contém três quartos da antiga capitania do mesmo nome e se estende, pouco mais ou menos, de 19<sup>o</sup>31' até 20<sup>o</sup>16'. Limitada ao sul pelo Rio Cabapuana (Itabapoana), prolonga-se ao norte até o território de Porto Seguro, do qual a separa o Rio Doce, ou melhor, a ribeira menos meridional de São Mateus. Se, porém, esta província abrande no comprimento uma extensão de cerca de 38 léguas de costa, sua largura é, em alguns lugares, reduzida a uma faixa estreita e arenosa; sobre nenhum ponto suas dependências verdadeiras avançam no lado de leste tanto quanto na Vila da Vitória e, mesmo lá, não se acha qualquer cultura a mais de 8 léguas do mar. (SAINT-HILAIRE, 1974, p.13).

As narrativas desses viajantes mostram que o território da província do Espírito Santo no início do século XIX era quase todo coberto por uma densa floresta. O relato de Maximiliano sobre a região do Rio Itabapoana evidencia a riqueza da fauna dessa região:

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Durante a nossa estada em Muribeca (antiga fazenda jesuítica), fizemos diversos acréscimos às coleções de história natural. Nas grandes matas e alagadiços das margens do Itabapoana, faz ninho o pato almiscarado. Essa linda ave, caracteriza-se pelas carúnculas nuas e vermelho-anegradas em redor dos olhos e do bico; a plumagem é toda negra, mais ou menos lustrada de verde e púrpura. O macho velho é muito grande e pesado, e tem a carne um pouco dura; os novos, porém, constituem um bom prato, sendo, por isso, bem servido ao caçador. Três escravos negros se ofereceram para caçar conosco; demos-lhes espingardas, pólvora e chumbo, e toda pó toda tarde caçamos íbis, patos, a garça real, garças brancas grande e pequena. (WIED, 1989, p. 127).

Nesse trecho é possível observar a mentalidade predatória dos viajantes, preocupados em recolher o maior número de espécies possível para abastecer os museus de história natural da Europa. Já no norte da província, ao subir o Rio Doce em direção à Linhares, mais uma vez o viajante chama a atenção para a riqueza da fauna e da flora:

O tempo estava lindo, e achamos a excursão muito agradável. Em plena manhã, a vasta superfície do rio cintilava ao sol. As margens estavam tão densamente revestida de selva que não havia espaço livre onde se pudesse erguer uma casa. Vinham das florestas berros de macacos, sobretudo dos barbados e dos saí-açus. (WIED, 1989, p. 157).

A leitura dessas narrativas sobre os aspectos naturais da província entrarão em diálogo direto com as vitrines de Restinga e de Mata Atlântica e os animais taxidermizados que compõem o acervo da ECBH. A partir da observação de diferentes espécies de animais citados pelos viajantes, analisaremos como a violenta devastação da cobertura vegetal ameaça de extinção varias dessas espécies.

Outra questão que pode ser observada nessas narrativas diz respeito aos violentos conflitos envolvendo os povos indígenas que habitavam o interior da



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

província, principalmente os Botocudos, os moradores das vilas e o governo provincial, intensificados com a ocupação do interior verificada a partir do início do século XIX. Enquanto as tribos indígenas resistiam à invasão de suas terras o governo português declarava a “guerra justa” contra esses povos. Esse ambiente de uma verdadeira guerra era vivenciado em todo território da província. Saint-Hilaire ao visitar o núcleo de povoamento de Santo Agostinho (Viana) destacou o temor da população provocado por esses conflitos: “Todas as numerosas vantagens usufruídas pelos habitantes de Viana eram, na época de minha viagem, compensadas tristemente pelo temor que sem cessar causava a vizinhança dos índios inimigos” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 56).

Maximiliano ofereceu uma detalhada descrição de um dos episódios desse conflito no norte da província:

A tribo dos Botocudos vagueia nas florestas, à beira do Rio Doce, até as nascentes deste na capitania de Minas Gerais. Esses selvagens têm oferecido até agora obstinada resistência aos portugueses. Se algumas vezes se mostraram amigáveis em certo lugar, cometeram excessos e hostilidades em outro; daí nunca ter havido um entendimento duradouro entre eles. Muitos anos atrás havia um posto militar de sete soldados a oito léguas Rio Doce acima, no local onde hoje se ergue a população de Linhares; esse posto estava guarnecido com uma peça de canhão para proteger a projetada estrada nova para Minas. A peça, a princípio, manteve os selvagens à distância, mas, à proporção que foram conhecendo melhor os europeus e suas armas, os temores desapareceram. De uma feita assaltaram repentinamente o quartel, mataram um dos soldados, e teriam também massacrado os outros, se estes não tivessem fugido e escapado pelo rio, tomando uma canoa, que aconteceu justamente vir chegando com a salvação. Não podendo alcançá-los, os selvagens encheram o canhão de pedras e retiraram-se para as selvas. Depois desse fato, o último ministro de Estado, conde Linhares, declarou-lhes guerra formal, numa proclamação bem conhecida; ordenou que os postos militares já estabelecidos à margem do rio Doce fossem reforçados e que se instalassem outros, a fim de proteger os estabelecimentos dos



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

européus e as comunicações com Minas através do rio. (WIED, 1989, p.153).

A resistência dos escravos também foi alvo das observações dos viajantes, Maximiliano forneceu um relato de um interessante movimento de rebelião escrava em Guarapari. A leitura desse relato propicia a discussão sobre a origem das comunidades quilombolas que atualmente estão localizadas em várias regiões do território capixaba.

A vila de Guarapari tem cerca de 1600 habitantes. As ruas não são pavimentadas, tendo apenas medíocres calçadas junto das casas, que são pequenas e quase todas de um só andar. O lugar é, de modo geral, pobre; na vizinhança, porém, existem grandes fazendas. Uma delas com quatrocentos escravos negros, é denominada Fazenda de Campos, e outra, com duzentos negros, Engenho Velho. Quando o último proprietário daquela morreu, sobreveio uma desordem geral: os escravos se revoltaram e cessaram o trabalho. Um padre informou aos herdeiros em Portugal o estado de ruína da propriedade, e ofereceu-se para restaurar a ordem se lhe dessem uma parte da fazenda. Assim se combinou, mas o cabeça dos escravos mataram-no na cama. Armaram-se e formaram nessas florestas uma República Negra que não foi fácil submeter. Tomaram posse da fazenda, viviam livres e caçavam no mato. Ao mesmo tempo, os escravos da Fazenda Engenho Velho também se libertaram. (WIED, 1989, p.139).

Por fim, os viajantes fizeram várias observações sobre vários aspectos que caracterizavam as vilas e cidades, destacando as construções mais significativas na época. Ao sul a Igreja Jesuítica de Nossa Senhora da Assunção e Residência, era a primeira construção a chamar a atenção dos viajantes, conforme descrição de Saint-Hilaire:

A igreja jesuítica não é muito ornada, contudo, notável por sua imponência. O mais aprazível panorama se oferece aos olhos de



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

quem se coloca diante de alguma das janelas do claustro; avistam-se a um só tempo o rio, a mata majestosa que o margeia, sua embocadura, o oceano, a cidade de Benevente e os campos das cercanias. (SAINT-HILAIRE, 1974, p.30).

Maximiliano destacou o contraste entre a miséria da vila de Vila Velha e a imponência do famoso convento:

Vila Velha do Espírito Santo, pequena e miserável vila aberta, construída quase toda numa praça. Numa alta colina coberta de vegetação, junto à vila, ergue-se o famoso convento de Nossa Senhora da Penha, um dos mais ricos do Brasil. Consta que possui uma imagem milagrosa de Maria, razão por que o procuram numerosos peregrinos. É bem penoso subir a íngreme elevação para gozar o indescritível e amplo panorama que daí se descortina; domina-se a imensa superfície oceânica, e, do lado da terra vêem-se belas cadeias de montanhas com vários picos e vales intermediários, donde surge pitorescamente o largo rio. A vila é formada de baixos casebres e decai a olhos vistos, desde que se fundos a vila de Vitória. (WIED, 1989, p. 143).

Na chegada a cidade de Vitória a residência da Fazenda de Jucutuquara, atual Museu Solar Monjardim, era a primeira construção a chamar atenção dos viajantes, como observou Saint-Hilaire: “Vitória esta escondida entre morros, entretanto, algumas cabanas apareciam aqui e ali a visão da bela residência de Jucutacoara tornava menos austera a das montanhas vizinhas”. (1974, p.39). Maximiliano se deteve na descrição da parte mais antiga da cidade:

A cidade de Nossa Senhora de Vitória é um lugar limpo e bonito, com bons edifícios construídos no velho estilo português. Além de vários conventos (São Francisco, Carmo), há uma igreja (Igreja Matriz de Vitória), quatro capelas (Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Assunção e Amparo, Santa Luzia e Misericórdia)



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

e um hospital. A cidade é, entretanto um tanto morta os visitantes sendo raros, são objeto de grande curiosidade. (WIED, 1989, p. 147).

Grande parte dos casarios, conventos, capelas e igrejas descritos pelos viajantes ainda integram a paisagem urbana das cidades capixabas, outros foram totalmente destruídos ou passaram por um intenso processo de descaracterização arquitetônica. Muitos estão representados no acervo da ECBH em forma de maquetes, pinturas e fotografias, como o Museu Solar Monjardim, a Capela de Santa Luzia, a Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Vitória), a Igreja de São Tiago e Colégio de Vitória, a Igreja São Gonçalo, o Convento da Penha, a Igreja de Nossa Senhora da Assunção e Residência e Igreja de Reis Magos e Residência. Assim, no desenvolvimento do trabalho com os alunos, após o contato com o texto narrativo, identificaremos no acervo da ECBH as representações dos prédios destacadas pelos viajantes, analisando o processo histórico da construção, suas características artísticas e arquitetônicas e as transformações ocorridas ao longo do tempo.

Ao tratamos de práticas educativas de reconhecimento e valorização do patrimônio cultural faz-se necessário tecer algumas considerações sobre o debate travado nos últimos anos entre os teóricos dos estudos culturais que colocaram em questão as visões tradicionais e cristalizadas de patrimônio e bens culturais. Canclini (2008) destaca que historicamente os projetos modernos se apropriaram dos bens históricos e das tradições culturais para ampliar e legitimar sua hegemonia. Essa estratégia política de poder muitas vezes permanece obscurecida, pois nos estudos e debates sobre a modernidade latino-americana, a questão dos usos sociais do patrimônio continua ausente. Para o autor o patrimônio cultural é o recurso menos suspeito para garantir a cumplicidade social, pois



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. As únicas operações possíveis – preservá-lo, restaurá-lo, difundi-lo- são a base mais secreta da simulação social que nos mantém juntos. (CANCLINI, 2008. p.160).

O pensador argentino defende que as escolas e museus devam abordar o patrimônio cultural a partir dos estudos de reprodução cultural e desigualdade social, deixando transparecer que os bens reunidos não pertence realmente a todos e que, além disso, os diversos grupos sociais se apropriam de formas diferentes e desiguais da herança cultural.

Rompendo com as visões idealistas e humanistas do patrimônio cultural, propõe uma teoria social do patrimônio que teria a vantagem “de não representá-lo como um conjunto de bens estáveis e neutros, com valores e sentidos fixados de uma vez para sempre, mas como um processo social que, como o outro capital, acumula-se, reestrutura-se, produz rendimento e é apropriado de maneira desigual por diversos setores”. (2008, p.194)

Em muitos momentos da nossa história podemos perceber a manipulação do patrimônio cultural pelas elites políticas e econômicas como forma de instaurar uma nova ordem e legitimar o seu poder. Tomemos como exemplo na passagem do século XIX para o século XX, com a proclamação da república e a ascensão de um novo grupo social no poder. As elites dirigentes que comandaram o processo de instauração do Governo Republicano, descendentes da oligarquia cafeeira e formadas no seio dos ideais positivistas, defendiam, em seus discursos, que o Estado buscase o progresso e ingressasse na idealizada Modernidade.

Ingressar na modernidade significava apagar as marcas de um passado que deveria ser superado. Deste modo, o espaço urbano foi reconfigurado, construções coloniais foram destruídas ou descaracterizadas para dar lugar uma nova estética



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

artística e arquitetônica que representasse a modernidade e o progresso que se desejava alcançar. O trabalho com o acervo da ECBH no roteiro temático permite focalizar essas mudanças na configuração da capital, fazendo um estudo comparativo entre as maquetes e imagens que retratam a cidade vista pelos viajantes, ou seja, a cidade colonial, e as maquetes e imagens que expressam a modernidade da arquitetura eclética.

As mudanças nos padrões urbanísticos e arquitetônicos da capital verificadas entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX podem ser percebidas, por exemplo, a partir da observação das maquetes do Colégio e Igreja São Tiago e do Palácio Anchieta, que representam dois momentos da história de um marco do patrimônio arquitetônico capixaba. A construção jesuítica, iniciada em 1551 e concluída em 1747, após a expulsão da ordem religiosa de Portugal e de todas as possessões da Coroa passou a abrigar a sede do governo da capitania e algumas das principais repartições públicas. Na república, durante o governo de Jerônimo Monteiro, em meio a uma política de modernização da capital, o prédio foi reconstruído, perdendo suas feições coloniais da era jesuíticas e ganhando claros contornos do ecletismo. Essas mudanças também podem ser evidenciadas no nosso acervo com a observação das maquetes da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia e do Palácio Domingos Martins. A antiga igreja colonial foi demolida durante o governo Jerônimo Monteiro dando espaço para a construção do prédio de estilo eclético que passaria a sediar a Assembléia Legislativa do Estado.

### CONCLUSÕES

A experiência relatada nesse artigo representa uma pequena parte das ações desenvolvidas pela equipe de professores da ECBH com o objetivo de



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

promover a reflexão teórica sobre a função educativa da instituição e a reformulação das nossas práticas pedagógicas.

Como espaço que desempenha a função de museu, buscamos com esse movimento superar o tradicional papel de depósito ou palco-vitrine do patrimônio interpretado como repertório fixo de tradições cristalizadas, propondo a constante reelaboração histórica desse patrimônio de acordo com as necessidades do presente. Aliado a esse movimento objetivamos estabelecer laços de trabalho mais estreitos com os espaços escolares, atuando de forma mais efetiva com alunos e professores no trabalho de produção e circulação do conhecimento nas escolas. Para tanto, trabalhamos para que a ECBH seja um espaço no qual os sujeitos escolares possam estabelecer uma experiência com o conhecimento, contribuindo para um processo de ensino-aprendizagem menos abstrato e mais próximo da realidade de todos, capaz de evidenciar o conhecimento como produção da atividade humana.

Benjamim (1996, p. 89), em um artigo que discute o programa pedagógico do marxismo, ressalta que, em geral, concebemos o processo de aprendizagem unicamente como fonte de desprazer. Segundo o autor, isso acontece quando no ensino as ações humanas são apresentadas de forma mecânica, insubstituíveis e incapazes de resistências e mudanças. Ao contrário, o processo de aprendizagem torna-se agradável, quando evidencia que o homem pode ser conhecido e, principalmente, pode conhecer.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- PINSK, J. **O ensino de História e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 1989.
- SAINT-HILAIRE. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce**. São Paulo: EDUSP, 1974.
- SIMÕES, Regina H. S.; FRANCO, Sebastião P.; SALIM, Maria A . A . **Ensino de história**: seus sujeitos e suas práticas. Vitória: GM gráfica e editora, 2006.
- WIED, Maximiliano. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.